

A Tradição.

BOLETIM DO GREMIO PORTUGUEZ TRADICIONALISTA

ADMINISTRADOR E EDITOR

J. LOBO D'AVILA

ADMINISTRAÇÃO

Sede do Gremio: Rua do Sol, a Santa Catharina, 40-A, 1.º

PROPRIEDADE DO

GREMIO PORTUGUEZ TRADICIONALISTA

Numero avulso \$50

Composição e Impressão—Tipografia INGLEZA, LIMITADA
Rua Eugénio Santos, 118—Lisboa

DIRECTOR

J. NUNES DE FREITAS

REDACÇÃO

Sede do Gremio: Rua do Sol, a Santa Catharina, 40-A, 1.º

A proposito da mensagem da Acção Realista Portuguesa

TRADICIONALISTAS E CONSTITUCIONAES

A MENSAGEM dirigida pela Acção Realista ao Senhor Dom Manuel, documento sensacional e digno, a todos os respeito, de registo, que o «Diário de Noticias» do dia 3 do mez findo publicou na integra, constitue a justificação plena do artigo que publicámos n.º 8 do nosso Boletim e desmente por completo que dentro da erradamente chamada Causa Monarchica haja logar para todas as correntes de ideas. Ao mesmo tempo esse documento demonstra quanto era inexequivel o fallecido Pacto de Paris, visto que reconhecendo a Acção Realista como rei o Senhor Dom Manuel, isto sem esforço, pois que os seus adeptos, ou pelo menos a grande maioria d'elles, nunca se preocuparam com a questão da legitimidade dynastica, nem mesmo assim conseguiu manter-se unida com a parte constitucional do partido manuelista. O que succederia, portanto, entre legitimistas e constitucionaes, os primeiros tão firmes na sua dedicação pela Família d'El-Rei o Senhor Dom Miguel I e tão intransigentes nos seus principios e os segundos tão teimosos no seu systema de governo, baseado nas maiorias... sempre estupidas, sob a alta presidencia d'um rei, *que reina...* mas não governa!...

No numero do nosso Boletim correspondente a 25 de Março ultimo escrevemos:

«Entendemos, porem, que, uma vez restaurada a monarchia cartista, só com muita difficuldade os conselheiros liberaes — e seriam esses que desde logo rodeariam a pessoa do Senhor Dom Manuel — se resignariam a perder a influencia política, deixando de dispôr do Rei como de coisa sua. Haja em vista o que se passou quando, apoz o regicidio, o Senhor Dom Miguel II se offereceu para vir para Portugal. Leiam os novos a collecção de documentos encontrados nos Palacios Reaes, a que mais atraz nos referimos, e verão como se dispõe da vontade d'um Rei constitucional, contrariando ao mesmo tempo os interesses do paiz, da monarchia e do monarcha.

Uma vez restaurada a monarchia, todos nós os que pensamos á portugueza, os que queremos o regresso ao regimen dos nossos avós — integralistas, legitimistas, Acção Realista, etc. — seríamos convidados a estar quietos e calados, sob o pretexto de evitar que o reconhecimento do regimen pelas nações estrangeiras, em especial pela Inglaterra, se fizesse esperar muito.»

Que tinhamos razão demonstram-n'o os seguintes periodos da mensagem da Acção Realista, narrando o que se passou no campo manuelista apoz a recepção da mensagem do Senhor Dom Manuel:

«No campo monarchico, houve, immediatamente, a par do aplauso febril e entusiasta de uns, a reserva, a frieza, a duvida, o espanto, o mau humor de outros.

Todos aqueles que anseiam por uma Monarquia integralmente catolica, integralmente nacionalista, aplaudiram calorosamente as palavras de Vossa Majestade. Todos esses aclamaram o Rei, porque sentiram que a mão de Vossa Majestade os conduzia á vitoria. Mas aqueles que, envenenados pelo Liberalismo corruptor e desorganizador, sonham ainda a monarchia da Igreja serventaria do Estado e elemento de galopinagem eleitoral, a monarchia do Rei servo dos partidos e das facções e das conjuras dos corredores parlamentares, alvo preciso das objurgatorias insolentes dos tribunos do Parlamento, a monarchia inspirada occultamente pelo Maçonismo internacionalista — esses começaram logo por exigir que as palavras de Vossa Majestade não viessem todos a publico e o Pensamento de Vossa Majestade fosse amputado ou disfarçado.

Porque o exigiram, Senhor!

E exigiram-no, ameaçando! Exigiram-no, impondo a sua influencia de caciques ou a sua bolsa de argentarios! Exigiram-no, faltando ao respeito ao Rei, censurando o Pensamento do Rei, permitindo-se a louca suposição de que interpretam melhor o Interesse nacional, do que Vossa Majestade!

Ora quando isto se passou no campo manuelista por causa d'uma simples mensagem em que o Senhor

Dom Manuel manifesta sympathia pela monarchia tradicional, considerando-se, no entanto, ligado á monarchia cartista por um juramento que, em nossa opinião, caducou por completo no dia em que se proclamou a republica, o que succederia se amanhã, restaurada a monarchia, se tratasse de saber a lei em que passaríamos a viver! Do que não seriam capazes, então, esses caciques e esses argentarios a que se refere a Acção de Realista!...

O caso foi previsto por nós, no já mencionado artigo, e consta d'estes periodos, que julgamos opportuno reproduzir:

«Entretanto, dispondo os constitucionaes do poder, pelo menos em maior numero, ia-se preparando a machina eleitoral, engenharia em que elles são exímios e de que nós, por um questão de temperamento e de falta de pratica, pouco percebemos. De resto falta-nos *peçoal adestrado*, ao passo que elle disporiam dos caciques de hoje, que são, afinal, salvo um ou outro, os caciques antigos; bastaria uma simples volta da taboleta e reapareceria o azul e branco. A actividade maçonica não deixaria de se fazer sentir, e é certo que, entre dois males, preferia o menor: — a monarchia constitucional, aguardando o momento de a poder estrangular outra vez. A vontade do povo seria então, como é hoje, como o foi sempre, em regimen liberalista, esmagada, e o futuro parlamento, temos d'isso quasi a certeza, chegaria á conclusão, apesar dos inflammados discursos dos nossos que lá fossem, que o melhor seria manter o existente em 1910, apenas com certas modificações, para não parecer a coisa tão feia.

E depois?!

Depois... tarde se perceberia o logro em que tinhamos cahido.

Depois, não nos conformando, entraríamos no periodo das conspirações e dos pronunciamentos militares. A monarchia seria a continuação, aggravada, da republica.»

Tambem sob este aspecto as nossas provisões foram acertadas. E' a mensagem que a Acção Realista dirigiu ao Senhor Dom Manuel quem o diz, por estas palavras, que significam, afinal, a mesma coisa e chegam á mesmíssima conclusão:

«Caminhava-se para uma restauração que seria apenas um golpe militar de audacia a abrir um espaço totalmente vazio, a iniciar uma era cheia de duvidas, interrogações e misterios. Ia-se arrastar a Nação para uma aventura envolvida em bruma, da qual ninguem sabia o que sairia a não ser esta palavra vaga que nada significa: a Restauração. Espalhava-se, por toda a parte, a teoria insensata de se caçar primeiro o urso — como se a Restauração da Monarquia fosse um incidente desportivo.

Caçar primeiro o urso... E depois? Depois, cairíamos uns sobre os outros, á procura, cada um de nós, dos nossos destinos, tratando de descobrir o melhor meio de salvar a Patria. Devia ser bonito e edificante, o espectáculo!»

Vê-se, pois, que os conhecemos bem, aos constitucionaes refintos, que, felizmente, vão sendo cada vez menos, mas, ainda assim, e n numero sufficiente, se não houver a maxima cautella, para difficultarem a restauração d'aquella monarchia que todos os monarchicos de verdade ambicionam. E vê-se tambem que, quando mesmo o Pacto de Paris não tivesse sido reprovado pelo Conselho Superior do Partido Legitimista e pela Junta Central do Integralismo Lusitano, nem por isso

a Causa Monarchica teria adeantado um passo, em vista da impossibilidade, já muito nossa conhecida, mas agora bem patente de todos, de ligar elementos que professam doutrinas totalmente oppostas.

Tem a Acção Realista de commum conosco os principios e está separada de nós pela questão dynastica. Nós estamos onde é logico estar, com os Principes e a que sempre comprehendem e sentiram a verdade e a belleza d'esses principios, que o Senhor Dom Manuel ainda em 1919, quando em Londres foi procurado pelos delegados da Junta Central do Integralismo Lusitano, achava que estavam fora das ideas do tempo! Assim a questão de legitimidade não tem sido para nós apenas uma questão pessoal, que alias seria muito respeitavel por ser muito justa, mas tambem uma questão nacional.

Isto, porém, não nos impede de dizer que a mensagem enviada pela Acção Realista Portuguesa ao Senhor Dom Manuel foi um optimo serviço prestado á futura restauração da monarchia. Qualquer que seja a resposta do rei deposto em 1910, os signatarios da mensagem marcaram, desde já, as suas posições de combate, afastando-se dos constitucionaes e esclarecendo uma situação até aqui confusa, talvez muito util para os politicos, mas de nenhum interesse para o bem estar da Nação, ideal supremo de todos os patriotas.

Caçar o urso primeiro... era uma formula muito conveniente para os constitucionaes, que assim conseguiriam que todos os ajudassem na caçada, para depois elles, que se habituaram a dispôr do rei como de coisa sua, gosarem o triumpho em beneficio proprio.

Depois mandariam elles... e obedeceríamos nós e uma vez entrincheirados nas secretarias do Estado, dispondo da machina eleitoral e do apoio da maçonaria que, encostada ao constitucionalismo, sempre iria vivendo, aguardando o regresso de *melhores dias*, não haja duvida que seria preciso uma nova revolução para lhes arrancar o poder das mãos.

Ora é isso, justamente, que é necessario evitar. O programma a seguir tem de ser, portanto, outro muito differente. A restauração da monarchia não é uma simples *partida* feita aos republicanos. Ella ha de fazer-se com o fim unico de servir a Nação e não de contrariar seja quem fôr. A republica, já aqui o dissemos, não é o unico inimigo a combater.

A situação agora é mais clara do que nunca. Tradicionalistas e constitucionaes são irreconciliaveis.

N'esta altura é muito possivel que nos perguntem, mais uma vez, aquelles espiritos d'apparencia inoffensiva e dados á boa paz: — Mas porque não acceitam os tradicionalistas a consulta feita ao paiz depois de restaurada a monarchia? Não se resolveria tudo d'essa forma? Não se estabeleceria assim um principio de egualdade entre as duas partes em litigio?

A pergunta seria na verdade sensata se não fosse fundamentalmente ingenua ou velhaca. Com o advento do constitucionalismo, em 1834, o paiz perdeu a sua antiga organização, tornou-se apathico, deixou de ter vontade propria. Quem se arroga o direito de responder em nome do paiz são as clientelas politicas, são os caciques, e taes elementos nem são nossos nem os queremos conosco.

De resto para que serve consultar o paiz se a experiencia está feita? Pois não bastam os 92 annos de regimen parlamentar, monarchico e republicano, que decorrem desde 1834 até 1926, para se saber que o *sythema* falliu por completo?

Não ha, pois, que consultar o paiz. O paiz está adormecido.

O que ha a fazer é impôr-lhe o regresso ás suas tradições pela implantação do regimen que, durante seculos, promoveu a gloria de Portugal. O que ha a fazer é trabalhar, organizar, propagar os bons principios, desmascarar o erro, acabar com o engano em que vive muita gente, pensando que a Causa Monarchica está onde, afinal, não existe...

A força das ideas tradicionalistas não pode avaliar-se pelo numero dos filiados no Legitimismo, no Integralismo ou na Acção Realista. Nós somos muitos mais do que se imagina. Comnosco estão todos os catholicos de verdade, comnosco estão todos os que trabalham e que, enojados da politica, em politica não querem metter-se. Comnosco estará toda a gente sã do paiz no dia em que a monarchia tradicional se implantar.

Trabalhemos, organisemos e dentro em pouco virão para nós muitos, talvez a maior parte, dos que estão do lado constitucional, mais pela força do habito do que pela firmeza das convicções. Assim ficarão os constitucionaes retintos reduzidos ao minimo, convencendo-se d'esta forma de que passaram de moda e retirando, portanto, para suas casas, onde no uso d'um direito, que não pensamos em contestar-lhe, poderão muito á vontade continuar a professar as suas theorias até que praticamente se convençam de que são peores que inuteis por serem prejudiciaes. Assim se caçará mais depressa o urso — passe a pittoresca phrase, que não é nossa — sem receio de que os lobos, não menos perigosos, entrem depois no povoado...

J. Nunes de Freitas